

Circulação: trajetos conceituais

Resumo: Uma das consequências do intenso processo de transformação de tecnologias em meios se constitui na emergência de uma nova ambiência cujo funcionamento das práticas sociais se dá segundo atividade interacional dinamizada por complexos *feedbacks* de natureza não-linear. Antigos modelos de transmissão-recepção de sentidos que operavam sob o crivo de instâncias mediacionais, como os mass media, saem de cena e dão lugar às novas modalidades de contatos. Estes se organizam em torno de uma dinâmica de circulação, inerente ao intercâmbio comunicacional desde uma perspectiva interpessoal, mas novas roupagens entram em cena com a internet, cuja mutação causa novas formas de intercambialidade segundo fluxos e circuitos de lógicas não-sequencias e/ou não lineares. A circulação, até então, um conceito ‘congelado’ pela tradição de estudos comunicacionais, como uma problemática esquecida, é posta na agenda da produção científica desta área graças, principalmente, à trajetória investigativa de Eliseo Verón que, por muitos anos, foi um dos protagonistas centrais - para não dizer pioneiro - no desenvolvimento da pesquisa sobre a circulação em contextos do Com-Sur da América Latina. Examina-se de modo breve, aqui, a trajetória deste conceito segundo quatro ângulos teóricos: *diferença; articulações; apropriações e interfaces/acoplamentos*, na medida em que essas perspectivas condensam momentos de estudos que têm caracterizado as pesquisas que se fazem neste continente, pelo menos, desde o fim do século passado.

Palavras-chave: Miatização. Circulação. Acoplamentos. Zona de contato.

Circulación: rutas conceptuales.

Resumen: Una de las consecuencias del intenso proceso de transformación de las tecnologías en medios es la emergencia de un nuevo ambiente para el funcionamiento de las prácticas sociales, que se basa en una actividad de interacción impulsada por retroalimentaciones complejas, de naturaleza no lineal. Los viejos modelos de transmisión / recepción de significados que operaban bajo el tamiz de las instancias de mediación, como los medios de comunicación, abandonan la escena y dan espacio



Antônio Fausto Neto¹

¹ – Pesquisador 1A do CNPq; membro do Comitê Científico do CNPq (área de comunicação); Consultor ad hoc: CAPES, CNPq, Fundação Carlos Chagas. Professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Presidente do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO).
E-mail: afaustoneto@gmail.com

a las nuevas modalidades de contacto. Estos se organizan en torno a una dinámica de la circulación, inherente al intercambio comunicativo desde una perspectiva interpersonal, pero aparece una nueva aparición en Internet, cuya mutación provoca nuevas formas de intercambiabilidad según los flujos y no secuenciales y/ o no secuenciales. Lógica de circuitos lineales. La circulación hasta entonces era un concepto ‘congelado’ por la tradición de los estudios de comunicación, como un problema olvidado. Ahora, se pone en la agenda de la producción científica de esta área gracias principalmente a la trayectoria investigativa de Eliséo Verón, que durante muchos años fue uno de los protagonistas centrales, por no decir pionero, en el desarrollo de la investigación sobre el Circulación en contextos de Com-Sur a América Latina. La trayectoria de este concepto se examina brevemente aquí, según cuatro ángulos teóricos: diferencia; articulaciones; apropiaciones y, acoplamientos, ya que estas perspectivas condensan momentos de estudios que han caracterizado la investigación que se realiza en este continente, al menos, desde fines del siglo pasado.

Palabras clave: Medialización. Circulación. Acoplamiento. Zona de contacto.

Circulation: conceptual routes

Abstract: One of the consequences of the intense process of transforming technologies into media is the emergency of a new ambience for functioning of social practices, which is based on an interactional activity driven by complex feedbacks, of nonlinear nature. Old models of transmission/reception of meanings that operated under the sieve of mediation instances, such as the mass media, leave the scene and give space to the new modalities of contacts. These organize themselves around a dynamic of the circulation, inherent to the communicational interchange from an interpersonal perspective, but new appearance comes on the scene with the internet, whose mutation causes new forms of interchangeability according to flows and non-sequential and/or non-linear circuit logics. The circulation until then was a concept ‘frozen’ by the tradition of communication studies, as a forgotten problem. Now, is put on the agenda of the scientific production of this area thanks mainly, the investigative trajectory of Eliséo Verón, which, for many years, it was one of the central protagonists, not to say pioneer, in the development of research on the circulation in contexts of Com-Sur to Latin America. The trajectory of this concept is briefly examined here, according to four theoretical angles: *difference*; *articulations*; *appropriations*; and, *couplings*, as these perspectives condense moments of studies that have characterized the research that is done on this continent, at least, from the end of the last century.

Keywords: Medialization. Circulation. Coupling. Contact Zone.

Introdução

¹ Site oficial: www.ciseco.org.br. Acesso em: 18 dez. 2018.

Descrever o funcionamento da circulação nos contextos de fenômenos midiáticos na contemporaneidade implica na retomada de algumas referências da pesquisa latino-americana sobre a midiatização. Em larga medida, traços da circulação emergem nas configurações e dinâmicas de processos comunicacionais – das velhas a novas mídias – especialmente, com a “revolução do acesso” pelo aparecimento da internet. Mas os estudos sobre a circulação datam de, pelo menos, quatro décadas de investigações no contexto da obra de Eliseo Verón e na sua interlocução com gerações de investigadores, em vários contextos de redes de cooperação, cursos acadêmicos e de sua produção editorial. Em situações mais recentes, o conceito é debatido nas atividades do CISECO (Centro Internacional de Semiótica e Comunicação¹), instituição criada pelo semiólogo argentino na primeira década deste século, com a finalidade de reunir pesquisadores interessados no desenvolvimento dos estudos de semiótica e da ciência da comunicação, promovendo anualmente uma reunião em torno de temáticas como a da midiatização.

O CISECO nasceu “com vontade de se converter em um espaço autônomo de reflexões e de investigação sobre fenômenos de produção de sentidos (múltiplas práticas significantes, discursividades, velhas e novas tecnologias) no despertar do milênio e no contexto de uma América Latina que concebemos como inteiramente aberta a uma mundialização com a qual tem muito que contribuir”- assim expressam seus documentos de fundação. Há dez anos, por ocasião de sua criação, o CISECO realizou um seminário sobre “A midiatização do corpo presidencial” (MOUCHON; VERÓN; FAUSTO NETO, 2012), ocasião em que foram apresentados relatos sobre novas paisagens circulatorias, segundo as afetações de lógicas e operações da ‘cultura midiática’ sobre práticas do campo político. Chamou-se atenção para manifestações de novos mecanismos de circulação de sentidos. Particularmente, nas transformações de contatos entre atores políticos e a sociedade, até então mediados por práticas jornalísticas, e que desta feita já se faziam diretamente, na medida em que protocolos de comunicação de natureza midiática passavam a ser manejados pelos atores à frente de governos, partidos, *etc.*

Os estudos sobre a circulação também se dão, além do CISECO, em vários âmbitos de pesquisa na Argentina, através do Centro de Investigação em Midiatização (CIM) em Rosário, bem como na Universidade de Buenos Aires através da cátedra de Semiótica dos Meios. No Brasil, estudos sobre a circulação e suas relações com os processos de midiatização em desenvolvimento são objetos de uma das linhas de pesquisa do PPG “Processos Midiáticos”, da

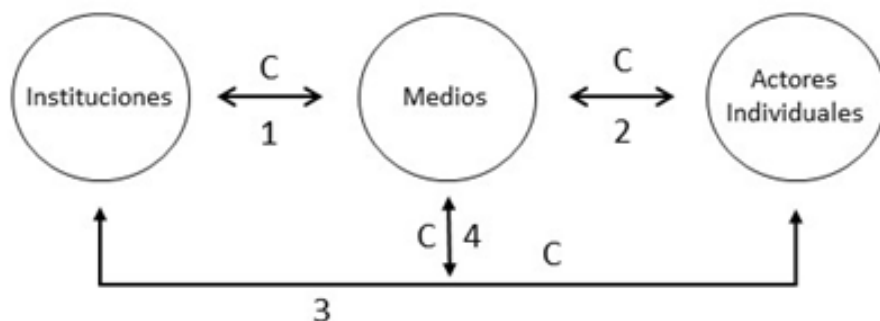
Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Os resultados destes estudos são apresentados, além da produção acadêmica, no Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais, cuja terceira versão ocorrerá em abril 2019.

O cenário da midiatização em processo tem uma relação direta com as transformações das condições de circulação de sentidos, conforme veremos. Em uma perspectiva seminal, este conceito foi apresentado na América do Sul em 1986 no seminário realizado na Universidade de Buenos Aires (VERÓN, 1986). Esse fato está associado a iniciativas como o aparecimento da revista *Lenguajes* que circulou por algumas décadas². Nessa publicação, foram produzidas “respostas” aos paradigmas epistemológicos que desembarcavam no continente, ofertando não só os métodos, mas também os problemas a se investigar, como assim se colocaram as matrizes da “Research Communication”, de inspiração funcionalista. Estes aspectos são lembrados a fim de que possam ser visualizadas algumas características de um modo de “fazer em companhia”, enquanto estilo latino-americano e que tem contribuído para a história da construção da pesquisa sobre a midiatização e, de modo distinto, sobre a circulação. Com tal observação, não desejamos destacar a importância destas reflexões apenas como “questão geo-acadêmica”, mas chamar a atenção para registros que visam a mostrar como os estudos sobre tais conceitos têm situado, segundo problemáticas específicas, o desenvolvimento da pesquisa em comunicação no Cone Sul da América Latina. De modo esquemático, passamos da problemática sobre pesquisas marcadas por orientações determinísticas para outra etapa cujo olhar investigativo se voltou para as relações mais complexas entre as mídias e a organização social, e que ultrapassaram também ângulos apenas especificamente institucionalistas como, por exemplo, os estudos sobre efeitos das mídias junto às práticas sociais diversas. De outra perspectiva, elegeram-se fenômenos típicos e relacionados com a natureza da “sociedade midiática”, esta resultante da “inserção progressiva das tecnologias de comunicação no tecido das sociedades industriais (...) que surgiram no século XIX (...) com o progresso da imprensa escrita de massa, evolução que se tornou mais complexa em consequência do advento do rádio e da televisão” (VERÓN, 2004, p. 277). Tal angulação se projeta até os últimos anos do século passado, quando se observa o delineamento de um outro período caracterizado pela intensificação de tecnologias transformadas em meios, disseminando-se sobre a organização e afetando, de modo intenso e complexo, todas as práticas sociais. Ou seja, a passagem de um período a outro, destaca fenômeno que vem ultrapassar “a adaptação das instituições das democracias industriais às mídias, tornando-se estas últimas intermediárias incontornáveis

² Ver www.ciseco.org.br. Acesso em: 18 dez. 2018.

da gestão do social” (VERÓN, 2004, p. 278). Tal problemática na qual os meios se manteriam em uma atividade protagônica - mas de forma mais complexificada, - aponta para o aparecimento de uma “arquitetura comunicacional” que vai contemplar, posteriormente, a internet. A nomeada “revolução do acesso” por essa provocada, enseja mutações nos processos interacionais até então manejados por operações dos campos sociais – segundo atividades de transação de sentidos mediadas pelos “mass media”; passam a ser dinamizadas de modo complexo por novas formas de produção e de gestão da circulação de sentidos. Mas devemos levar em conta que já ao longo das últimas décadas - entre os últimos anos da década 70 e início da década seguinte - a transformação qualitativa do funcionamento das mídias vai apresentando contornos mais nítidos sobre as novas formas de relações da cultura das mídias com o funcionamento organização social, aspecto que suscita a sistematização de primeiros estudos sobre a midiatização (VERÓN, 1986). Para tanto, um primeiro intento de visualizar a complexidade da midiatização aparece em diagrama na Figura 1, a seguir.

Figura 1 – Complexidade da midiatização



Fonte: Baseado no modelo gráfico de Eliseo Verón (1997)

Nele se propõe que uma das características da midiatização é o fato da sua dinâmica não contemplar processos lineares de causa e efeito, nas relações dos seus componentes. E que, no lugar destes, destacam-se circuitos de *feedbacks* não-lineares. Para tanto, “as duplas flechas [ver diagrama acima] sugerem esta complexidade” (VERÓN, 1997, p. 14-15). Junto à explicação sobre este “diagrama inaugural”, faz-se um retorno ao tempo, na tentativa também de se aclarar o entendimento sobre o conceito de midiatização:

Faz, pois, dez anos {1987, 1997} que estou tratando de decidir se existe ou não um processo característico das sociedades pós-industriais que se possa chamar de midiatização. Penso que efetivamente existe e que merece esse nome, mas que é muito difícil de conceituá-lo em

razão de sua complexidade (...) o conceito de midiatização designa provisoriamente um aspecto fundamental da mudança social tal como este se produz atualmente nas sociedades pós-industriais. Os media (tecnologias de comunicação inscritas na sociedade) são fatores cada vez mais importantes na determinação das características de mudança. Não por si sós, senão na medida em que se inserem de maneiras específicas, nas múltiplas dinâmicas do funcionamento social. Os media estão se misturando com todos os aspectos significativos do funcionamento social. Como se pode conceituar essa mistura? Trata-se de entendê-la e avaliar sua importância, sem cair na profecia apocalíptica e nem numa antecipação eufórica. Temos que tratar de compreender como vão se estruturando historicamente as relações entre os meios, as instituições e os atores sociais. Em cada um destes três setores há múltiplas estratégias que, de uma maneira mais ou menos confusa, têm em conta as estratégias presentes nos outros dois. As estratégias são às vezes convergentes, às vezes divergentes. O conjunto tem o caráter de um sistema complexo, no sentido de que implica um grau importante de imprevisibilidade, apesar do esforço que uns e outros fazem para prever o futuro. Este sistema de relações entre meios, instituições atores, é complexo porque não comporta relações lineares. (VERÓN, 1998, p. 2).

As ideias formuladas neste diagrama apresentam certo tipo de resposta ao “paradigma funcionalista”, ao situar a comunicação associada à complexidade das relações não-lineares. Mas as proposições que se fazem a partir de sua concepção inauguram um longo programa de estudo tão contemporâneo como os fenômenos de midiatização em processo. Resultam desta formulação alguns aspectos que apontam para o conceito de circulação (VERÓN, 1978), destacando-se, por exemplo, a ênfase dada sobre os complexos fluxos não-lineares, de contatos entre as três instâncias. Também quando se chama a atenção para o caráter descontínuo da comunicação- hipótese melhor explicitada depois (VERÓN, 1985), não apenas aludida ao âmbito da comunicação interpessoal, mas em todos os processos de comunicação - inclusive os mediados por tecnologias. Daí, lança este autor lança uma hipótese que associa de modo mais enfático o funcionamento da midiatização como espectro de uma complexa atividade circulatória. Ou seja, “antes de reforçar a uniformidade social, a midiatização acelerada das sociedades industriais nos conduz, mui provavelmente, para funcionamentos significantes cada vez mais complexos” (VERÓN, 2004, p. 67). Tais questões ocupam redes de cooperação como, por exemplo, a Rede Prosul integrada por pesquisadores latino-americanos, onde reflexões aprofundaram a compreensão da midiatização como fenômeno engendrador de uma nova ambiência (GOMES, 2017), ao considerá-la como uma “chave-hermenêutica” a interpretar a complexificação da organização social. Ou como uma nova forma de “bios-midiática” (2002) Um dos resultados deste trabalho de cooperação, iniciada neste século, é a eleição da midiatização e da circulação como objeto de estudos regulares nos

contextos dos programas pós-graduação da região³, no aparecimento da literatura acadêmica, conforme se aponta na sequência, além de outras formas de intercâmbio, especialmente voltados para a formação de pesquisadores.

³ Por exemplo: www.unisinos.br. Acesso em: 18 dez. 2018.

2. A circulação: indo além das bordas

As reflexões, nas quais se mostram a midiatização e as dinâmicas dos seus processos não uniformizando e nem homogeneizando as relações e práticas sociais, chamam atenção para o fato de que a midiatização seria fonte de outro modelo interacional de referência, ao suscitar tipos de relações e de circuitos de mensagens entre produtores e receptores (BRAGA, 2012; 2017). Situar a midiatização como um fenômeno a ser visto para além dos modelos transmissionais - segundo *feedbacks* lineares - implicou na recusa de subsídios da teoria da ação social e a eleição de um outro que viria situá-la segundo uma perspectiva de complexidade. No lugar da ratificação do ponto de vista do ator (produtor), a hipótese de um ponto de vista complexo propõe que processo comunicacional funciona em aberto, segundo uma intercambialidade assimétrica e não-determinística (CULIOLI, 2010). Esta valeria tanto para descrever a natureza da interação interpessoal como aquela mediada por tecnologias. Qualificando melhor a noção de “descontinuidade”: trata-se de mostrar algo que possa descrever o “desajuste” no intercâmbio entre produtores/receptores de mensagens. Esse não seria visto sob uma ótica funcional, pela qual se buscaria uma resposta que, de certa forma, associasse o desajuste apenas como algo que apontaria um não acompanhamento da recepção à dinâmica da oferta de sentidos, em produção. Neste caso, trata-se de ver a dissociação entre eles, como algo mais complexo. Seria plausível supor que, no contexto de uma nova ambiência configurada por *feedbacks* complexos, as relações entre tais polos se configurariam em torno de acoplamentos que gerariam interações não-determinísticas permeadas por gramáticas e lógicas qualitativamente diferentes. Essa noção é associada ao conceito de interpenetração (LUHMANN, 2016) para explicar o funcionamento das interações entre sistemas (institucionais) midiáticos e os sistemas que envolvem os atores sociais, no contexto da midiatização. Segundo tal conceito, esses polos se contatam numa dinâmica de interfaces nas quais um sistema (dos meios, por exemplo) operaria como entorno de outro (o dos atores sociais) e este como entorno para aquele primeiro, segundo uma atividade que colocaria de modo recíproco, suas complexidades à disposição entre eles (VERÓN, 2017). Nestas condições, o conceito de interpenetração, extraído da teoria sistêmica, oferece subsídio para

explicar as complexas configurações das interações na sociedade em midiaticização. No contexto destes entrelaçamentos se daria uma atividade de produção de sentidos fundada em “feixes de relações” não convergentes, realizada a partir das características específicas das lógicas e gramáticas de cada um dos polos operadores. Dessas acoplagens resultaria, portanto, a noção da comunicação afastada das noções de ordem e de equilíbrio.

Nesta “arquitetura comunicacional” a midiaticização vai dando nova conformação à organização social e ao seu funcionamento gerando, de modo complexo, mutações nas condições de circulação de sentidos. Os efeitos intensos de tecnologias convertidas em meios, cujas lógicas afetam práticas sociais diversas, chamam atenção para possibilidades de interação nos quais seus polos constituintes realizam, segundo horizontes imprevisíveis, o trabalho de transação de sentidos. Um dos efeitos da midiaticização em processo é o fato de suas manifestações suscitarem interrogações e primeiras hipóteses sobre tal “arquitetura”, especificamente as percepções que apontam a circulação indo além de uma “zona de passagem” – ou apenas, como um “elo intermediário”, conforme assim entendiam estudos de orientação funcionalista. Novas perspectivas chamavam atenção para uma atividade da circulação que iria para além de suas próprias bordas (FAUSTO NETO, 2010), conforme descrevemos a seguir.

3. Cenários e momentos da circulação

As pesquisas sobre o funcionamento da circulação resultam de hipóteses que já haviam sido lançadas há, pelo menos, cinquenta anos, nos fins das décadas 1970 e no início da década seguinte. Se algumas delas destacavam apenas indicativos sobre uma modalidade de funcionamento automatizado, ou naturalizado da circulação, outros frisavam que os rastros de seu funcionamento seriam invisíveis restando reconhecer que a circulação seria a diferença de uma atividade de contato entre produtores e receptores de mensagens. Diante dessa impossibilidade de rastrear a circulação, restaria reconhecer que o contato feito entre esses dois polos se passaria em torno de intervalo, cuja especificidade de sua natureza e de suas manifestações foi, por longo tempo, ignorada. Tal desconhecimento estava também associado ao fato de que a expectativa que o processo comunicacional geraria estava vinculada à questão dos efeitos. Ou seja, as mensagens transmitidas pela instância da emissão teriam sempre suas intenções - calculadas e previsíveis - confirmadas pelo polo receptor. No máximo se admitia que os “ruídos” seriam sanados pelas próprias ações regulatórias acionadas pelas “engenharias” da emissão das

mensagens. Visando a assegurar que os receptores - mantidos em lugar de espera - viessem a ser reconhecidos nestes “intercâmbios”, restaria implementar manobras que pudessem afetá-los, segundo a cooperação acionada através pelas instâncias mediacionais. Para tanto é concebido, como alternativa a modelos de natureza transmissional, um outro tipo para lidar com “ruídos”, enquanto desordem, transformando o fluxo de transmissão em sentido único, em um de duas etapas. Ou seja: (1) Emissão < > (2) Agente Intermediário (3) > do Agente Intermediário ao > receptor. Este novo desenho ainda estava estruturado em torno de lógicas transmissionais, já que a mediação interposta (nível 2) estava subordinada originalmente ao polo de emissão, o qual mantinha como postulado, a sua atividade de controle sobre o funcionamento do circuito de mão única. Tratava-se de um modelo de “intercâmbio” que ignorava a complexidade da circulação situada em um ambiente relacional, algo que iria muito além de um intervalo – ou “zona de passagem”. Subsumida pela lógica transmissional, a circulação neste caso era uma região compreendida pelo ponto de vista do ator (em produção) cujas lógicas de sua atividade delineavam presumíveis efeitos por parte do trabalho da recepção. Por muito anos, os princípios que orientaram as práticas da “difusão das inovações” (ROGERS, 1971) se inspiraram neste modelo no qual a circulação seria apenas uma zona de passagem de fluxos, enquanto de extensão de mensagens, enviados de um polo a outro.

O reconhecimento da circulação enquanto uma instância de trabalho dotado de maior complexidade, se evidencia quando sintomas da “desarticulação” na natureza do contato entre os polos de produção e de recepção são capturados a partir de pesquisas orientadas por modelos que vão além dos princípios da teoria da ação social. Possivelmente, uma das primeiras formulações críticas ao modelo acionalista foi concebida na obra de Freire (1970), ao introduzir um outro componente neste modelo que, de alguma forma, se aproximaria do reconhecimento da existência da circulação. Especificamente, quando critica a dimensão vetorial desta matriz, ao conceber que neste contexto a questão dos sentidos estaria calcada na noção de extensão de signos, na medida em que a mesma estaria fixada no ponto de vista do ator. Possivelmente, uma das limitações das críticas de Freire ao modelo da extensão seja o fato de “mesclar” noções retiradas de teorias macrossociais com outras do interacionismo simbólico, para construir uma noção de diálogo, sem indicar as conexões mais elaboradas entre estas duas matrizes, como possibilidade de referência que questionasse uma crítica à noção da extensão. Certamente, porque demorou certo tempo para que as ciências da comunicação se desvinculassem das matrizes acionalistas fazendo aparecer outras que oferecessem perspectiva para se entender a problemática comunicacional a partir,

por exemplo, de epistemologias ternárias. Porém, Freire, a exemplo de outros contributos, se depara diante de uma inflexão: a impossibilidade de se estudar empiricamente os sintomas que chamavam atenção para a natureza descontínua do modelo acionalista, especialmente os rastros ensejados por tal desarticulação. Apontou a categoria do diálogo como instância em que se passaria a um outro trabalho de vínculo, segundo noções mais complexas os atores situados nos polos da comunicação. Porém, algo ficou a dever na dissecação daquela categoria, em termos de uma abordagem comunicacional. Mas olhares que talvez tenham ido um pouco mais longe formularam hipóteses sobre sua natureza, ao constatar uma diferença resultante da atividade interacional entre produção/recepção. Chega-se mesmo a apontar uma diferença entre esses polos e que seria ensejada pela dinâmica de fatos potenciais que constituem, além das lógicas dos interagentes, a natureza do próprio relacionamento. Significa que a dinâmica produção/recepção seria também alimentada por fatores colaterais, que poderiam emergir além das fronteiras desta própria dinâmica. É nestas condições que “a interação entre partes da mente é acionada por diferença” (BATESON, 1986, p. 103). Hipóteses de outra natureza apontam que tal diferença estaria também associada às regras (gramáticas) sobre as quais se estruturariam mensagens organizadas segundo modos distintos pelos dois polos da interação (VERÓN, 1979). Observa-se contributos de modelos analíticos que se engendram fora do âmbito funcionalista (teoria da ação social, particularmente), em torno dos quais se condensa a ideia de que o processo comunicacional é, por natureza, relacional - e não apenas, transmissional. E que os sentidos resultam de feixes de relações fundadas nas diferenças dos elementos que constituiriam natureza e o funcionamento dos polos, em termos de contato. Portanto, é reconhecida a ocorrência de um trabalho entre os polos e que se sustenta em torno de uma arquitetura que evidencia a existência de um “terceiro elemento” a dinamizar suas formas de interações. Destacam-se dois trabalhos específicos no interior de uma espécie de “arquitetura emergente”: o primeiro, diz respeito a uma relação entre os dois polos calcada na diferença, e conforme dito acima, que se engendra a partir de especificidades de suas lógicas e gramáticas. Essas se tencionam segundo co-enunciações, gerando entrelaçamentos, segundo circuitos que as levaria adiante, e não a cenários previsíveis. E o segundo trabalho, diz respeito à atividade do “aparelho circulatório” que faz com que as interações destes polos se façam em torno de “feixes de relações” equidistantes de convergências, certezas e de previsibilidades. A circulação não sendo contida pelas bordas das gramáticas dos polos em interação cuidaria de ativá-las, mas segundo articulação de interfaces que suscitariam, além das manifestações de suas singularidades, suas próprias diferenças.

Resultam, assim, cenários que seriam construídos e deixados como pistas de uma atividade complexificante, a ser desvendada. Essas questões aparecem para serem examinadas de modo sistemático, já no transcurso do início do século XXI, no contexto dos estudos da semiótica dos meios. Especificamente, o CISECO consagra o seu Pentálogo VII, em 2016, como momento para debater o tema da “circulação discursiva: entre produção e reconhecimento”. Objetiva “avançar na elaboração de teorias e de modelos dos processos de reconhecimento, isto é, da conceitualização que pode permitir a construção de uma teoria da circulação”. Esta iniciativa pretende “também valorizar estudos sobre recepção na América do Sul e no Brasil, de modo particular, identificando obstáculos tanto conceituais, como institucionais e a promover princípios do trabalho de campo que articulassem os dois polos da circulação discursiva (produção e reconhecimento)”. Tais objetivos parecem essenciais para assegurar a pertinência da investigação latino-americana sobre as mídias nos últimos anos, tendo em conta a explosão do fenômeno da internet que colocou em cena, precisamente, a questão das condições de acesso aos discursos mediáticos, isto é, a questão da circulação (CISECO, 2017⁴). Para ilustrar o avanço do horizonte dessas preocupações investigativas, fazemos mais abaixo, referência à publicação que reúne trabalhos apresentados nesse Pentálogo e que, segundo vários ângulos, discutem o conceito de circulação.

⁴ A circulação discursiva entre Produção e Reconhecimento. Documento Proposicional do Pentálogo VII. Japaratinga, 2017.

5. Sobre quatro noções

Nosso objetivo não visa, neste artigo, a realizar uma espécie de “estado da arte”, nem tão pouco reconstituir aspectos históricos, sobre o conceito de circulação. Apenas nos propomos a discorrer sobre alguns ângulos, especificamente, quatro – dentre outros - que se fazem presentes nas proposições de Eliseo Verón sobre circulação e que são nomeados como: desvio, articulação, apropriação e interpenetração, conforme descreve-se na sequência.

Mesmo que se leve em conta um cenário comunicacional caracterizado pela centralidade dos meios, no qual a circulação funcionaria em torno de dois polos – produção e recepção – estando “presa”, portanto entre suas dinâmicas, ela aparece situada em torno de um cenário de questionamentos, para além das perspectivas que a situavam como uma “zona automática”. Partia-se da noção de diferença e segundo uma concepção do processo comunicativo como atividade relacional.

Primeiras hipóteses sinalizavam que as gramáticas se nutriam de diferenças, enquanto lógicas que as especificavam em âmbitos -

produção e de reconhecimento. As gramáticas eram entendidas como “conjunto complexo de regras que descrevem operações (...) que permitem definir ora as condições de produção, ora os resultados de uma determinada leitura. (...) {pois} Uma gramática é sempre, em outras palavras, o modelo de um processo de produção discursiva” (VERÓN, 2004, p. 51).

A existência de dois conjuntos de gramáticas implica em reconhecer, em primeiro lugar, que todo processo de comunicação – desde a de natureza interpessoal à comunicação mediada por tecnologia – se constitui em torno de diferentes autopoiesis (lógicas, regras, *etc.*) que se engendram em cada um dos polos da comunicação e que se colocam em contato, através de interdiscursividades.

Resulta que, em todos os âmbitos da comunicação, ocorre uma ruptura a expressar a não “linearidade da circulação de sentido”, questão que foi inicialmente nomeada como defasagem, ou ainda, como um “desvio” atribuído à diferença pelo fato de que “ambos os polos da circulação estão operando segundo lógicas qualitativamente distintas” (VERÓN, 2013, p. 288). Segundo essa perspectiva, a formulação de tais diferenças era atribuída, em um primeiro momento, às gramáticas (enquanto regras) e suas condições, como geradoras de um “desajuste perpétuo” nas relações entre produção/recepção.

Ao mesmo tempo, marcas da existência da circulação não poderiam ser evidenciadas uma vez que ela somente se destacava como uma diferença na relação entre de produção e de mensagens. Onde residiria tal diferença? Significava que sentidos se teceriam a partir de referências inerentes a cada uma destas instâncias, nomeadas como lógicas e gramáticas. A possibilidade para estudar tal diferença, em termos empíricos, se manifestou na pesquisa da semiótica de primeira e segunda gerações cujo interesse investigativo centrou-se em descrever aspectos do funcionamento das gramáticas, mas a partir dos sistemas de produção discursiva. O resultado não foi tão além de reconstituição de gramáticas, uma vez que “estudamos funcionamento textual para recuperar, como no nível das gramáticas se estruturariam as intencionalidades do discurso. (...) {também} como se poderia inferir sobre a produção dos seus efeitos sobre a recepção” (FAUSTO NETO, 2010, p. 7).

Nestas condições, a circulação permaneceria ainda como instância subordinada, de certa forma, a pressupostos da teoria da ação social. Esses se projetam para dentro do campo dos estudos semiológicos uma vez que sua perspectiva analítica era atravessada pelas “patas” daquela teoria, especialmente nas descrições que projetam, de modo inferencial, os efeitos de sentidos por parte da recepção, mas a partir de operações das gramáticas em produção e que se fariam presentes na esfera dos textos. Ainda por longo tempo,

uma das primeiras hipóteses veronianas sobre a noção de circulação como desvio/diferença permanece em um território atravessado pelo desafio da presença das ressonâncias de tais injunções, em função da ausência de instrumentos empíricos-analíticos que pudessem dar conta de estudos mais complexos, e que dessem conta da descrição destas diferenças, a partir das pistas das gramáticas.

Não se trata de um problema específico dos estudos de comunicação uma vez que por longo tempo o funcionalismo ditou suas regras nos estudos de linguagem, especialmente, no âmbito da análise de discurso. Tais dificuldades geram alguns equívocos que se manifestam em olhares, que tentavam entender a complexidade da circulação de uma perspectiva apenas dedutível.

A despeito destas limitações, a problemática da articulação entre estes dois polos permaneceria apontada como importante, ao se reconhecer que, embora a circulação não deixasse visível os traços de sua atividade, emprestaria sua própria dinâmica para explicar, de alguma forma, a produção de sentidos. Sendo mais do que uma “zona automática”, ou um lugar de passagem e de signos de um lugar outro, a circulação se destacaria, de modo tácito, enquanto instância que trataria de dar conformidade para que a discursividade social aparecesse e presa entre dois polos. É no interior desta complexidade que o trabalho de produção de sentidos se faria de modo afastado do equilíbrio e não tendo como horizonte o funcionamento dos dois polos segundo perspectivas de simetrias.

Se, por um lado, ratifica-se a importância da noção de “diferença” para situar a existência da circulação, o exame da atividade interacional entre produção e recepção, no âmbito da topografia dos processos comunicacionais, chamava atenção para outros aspectos que envolveriam a natureza dos vínculos entre aqueles. Particularmente, as noções de distância que incidiriam sobre os níveis e natureza de contiguidades gerados a partir da dinâmica sobre a qual se sustentaria o trabalho interacional. Aponta-se, desta forma, para a existência no âmbito dos processos comunicacionais outras camadas de elementos chamando atenção para o fato de que estas regiões não seriam tão “inóspitas” e desprovidas de articulações; tão pouco, seria apenas, uma “zona de passagem”. É nesta ambiência que vai além da constituição e do funcionamento de dois polos, que se destaca o trabalho da circulação como uma dimensão articuladora das relações entre produção e recepção. É através de um ‘processo de aproximações’ que vão despontando os estudos empíricos sobre a circulação.

Quando pensada a circulação como diferença a partir do efeito da dissociação/distância/contato entre gramáticas da produção e do reconhecimento, não se deve entender tais aspectos diretamente associados a uma disjunção e, por assim, dizer, uma ruptura. Pelo

contrário, trata-se de indicar uma atividade relacional entre produtores e receptores de mensagens que se faz em torno de uma dinâmica não-linear, no contexto no qual as distâncias (intervalos) entre tais polos e as especificidades de suas lógicas, ensejariam uma atividade relacional, mas marcada por fortes desajustes, fazendo com que os sentidos em circulação resultassem subordinados às dinâmicas não-determinísticas. Porém, tais instabilidades que marcariam o processo comunicacional não causaria a ruptura na atividade interacional entre estes polos, uma vez que a produção de sentido estaria implicada na realidade estrutural de uma dinâmica entre eles.

Tal dinâmica se orientaria por padrões de interpenetrações, segundo articulações, mesmo que atravessadas por alto grau de imprevisibilidades, fruto da natureza das diferentes lógicas, *etc.* Entender as implicações do que aqui se apontou como “desajuste”, “intervalo”, *etc.*, supõe, assim, examinar a complexidade dos componentes geradores de uma relação, pois do contrário, cairíamos novamente nas preocupações causalistas, na medida em que buscaríamos as fontes e as causas da instabilidade em um destes polos, ou ainda, segundo especificidades dos discursos enunciados, por um ou outro.

De uma perspectiva distinta, entende-se que estudar fenômenos de sentidos, requereria que se levasse em consideração “a articulação entre produção e recepção dos discursos {como} questão fundamental” (VERÓN, 2004, p. 274). E a necessidade de compreender tal articulação parece ser “um desafio principal tanto no plano da teoria como no da pesquisa” (VERÓN, 2004, p. 274). Trata-se de uma nova problemática que nos afasta nas tradições epistemológicas de ordem “binária”. Esta, ao situar desse modo a natureza da articulação, isola a atividade discursiva de uma perspectiva relacional. E consideraria unilateralmente as iniciativas e estratégias de um deles, que seriam longínquas às expectativas do outro polo.

Portanto, sem dar a devida atenção para o exame das relações entre tais polos, esse fato impediria uma compreensão mais complexa dos “processos de negociação de sentidos” que se passam neste contexto. O olhar da observação, ao se fixar numa órbita, ou examinar a dinâmica das estratégias da perspectiva isolada de um dos polos, aponta muitas consequências, dentre elas a cristalização de pontos de vista que reforçam, dentre outras coisas – e como dissemos antes – a prevalência da perspectiva acional e difusionista. Nestas condições, numa tentativa de estudar a complexidade, e o desafio desta articulação, segundo dinâmica descontínua, aludimos aspectos sobre a pesquisa dos “contratos de leitura” (VERÓN, 1983; 1985).

Estudos, nesse sentido, mostram que um dos objetivos dos “contratos de leitura” se volta para descrever a construção de vínculos

entre produção/recepção, levando-se em conta as diferenças que constituem a especificidades destes universos na construção de um trabalho enunciativo, centrado em postulados e de diferenças ou, em desvios, no âmbito da ação comunicacional. Os “contratos” seriam entendidos como instância “reduzora de complexidade”. Partindo do desafio da indeterminação de sentidos entre produtores e receptores, estratégias são desenvolvidas para mantê-los em “zonas de contato”, estas enquanto uma espécie de um território de negociação.

De um modo geral, os “contratos” são examinados sob injunções de “lógicas de produção”, considerando que aqueles que demandam estas formas de prospecções, são geralmente, instituições responsáveis pela implementação de estratégias que requerem *feedbacks* sobre os efeitos da sua atividade de produção/circulação de sentidos. Porém, considerando a importância da dimensão articulatória do processo comunicacional, observações se fazem em termos mais amplos, ao examinar as estratégias da perspectiva do consumo dos seus usuários.

Ou seja, em que medida as informações capturadas junto aos receptores podem indicar pistas sobre as modalidades através das quais eles transformariam as ofertas, nelas introduzindo postulados e lógicas de sua própria realidade? Estas possibilidades de articulação envolvendo lógicas distintas repercutem e trazem um outro modo de ver a circulação. Ela deixa de ser um conceito associado à defasagem e passa a ser compreendida como instância de articulação entre ofertadores e usuários de discursos, a partir das noções de espaço (distância) – temporalidades. A circulação despontaria como um novo dispositivo ao ser transformada em um lugar no qual instituições e atores sociais se encontram em torno de “jogos enunciativos complexos”. Nestas condições, resulta que a circulação se descolaria de um quadro conceitual que a situaria como um intervalo – ou mesmo desajuste – constituindo-se em um lugar no qual se processam operações de investimentos de sentidos que envolvem vários níveis de discursividades (VERÓN, 1983; 1985).

A análise das condições de produção de vínculo entre produção/reconhecimento é permeada pela motivação epistemológica no sentido de aprofundar a compreensão destas articulações. Mas vale ressaltar que, em certo sentido, também por aquelas “demandas instrumentais” na medida em que instituições de mercado estão às voltas com as preocupações que visam a compreender e tentar desenvolver estratégias que pudessem assegurar a inclusão dos consumidores em contextos vinculantes com as suas ofertas. Tal inflexão tem uma repercussão sobre as práticas de *marketing* que intensificam seus olhares sobre as manifestações que se passam no âmbito desta articulação. Mas seus resultados são, até certo ponto, problemáticos. As instituições preocupadas com interesses em

resultados mais imediatos não conseguem desenvolver culturas de avaliação susceptíveis de lhes oferecer ângulos sobre as interações da perspectiva de uma complexidade que iria além de uma noção de intercambialidade fundada apenas, no reconhecimento unilateral de parte das gramáticas, no caso aquelas da ordem da produção. Este cenário de investigação enfatiza preocupações que vão além do reconhecimento do desajuste como uma problemática que atravessa os âmbitos da oferta e dos usuários de mensagens. Reconhece a existência de duas complexidades que se articulam a partir de lógicas e gramáticas que alimentam objetivos estratégicos e, igualmente, distintos, que se traduzem em manifestações no âmbito das estratégias de comunicação, segundo duas situacionalidades: a de produção e de recepção. De um lado, as estratégias das ofertas, condensadas em torno das lógicas de gramáticas das instâncias que lhes produzem. Por outro lado, heterogeneidades de formas de apropriação que se expressam segundo lógicas de diversas gramáticas que estão situadas no mundo dos atores.

A midiatização em processo complexifica esta dinâmica ao suscitar que as estratégias que se engendrem segundo lógicas e operações de mídia não apagam a natureza de uma complexa atividade circulatória que se faz nas dinâmicas das tessituras destas articulações. Esta problemática não se encerra nas especificidades e nas fronteiras destas articulações na medida em que estas fazem aparecer processos e estratégias de apropriação das ofertas, por parte da recepção, que sinalizam novos embates entre convergências/divergências de sentidos, conforme veremos a seguir. Um outro aspecto que desafia largamente os estudos sobre “contratos de leitura” diz respeito ao fato de que os objetos geradores de estudos se manifestam, no contexto da circulação de sentidos nos cenários da sociedade midiatizada, em tempo real.

A variável temporalidade, caracterizada por dinâmicas de operações discursivas que se passam em tempo real, no contexto complexo da midiatização, impõe alguns desafios para investigação sobre os “contratos de leitura”. Envolve metodologias que possam assegurar a descrição e observações sobre níveis de funcionamento da “circulação em ato”, ou seja: as fronteiras de temporalidades entre estratégias de oferta e práticas discursivas em recepção seriam, praticamente, inexistentes, no contexto da sociedade midiatizada na qual os processos de produção/circulação de sentidos se complexificam. Esse fato imporia um trabalho de empiria investido de muitos e novos protocolos investigativos. E, como dissemos, um dos desafios colocados por essa nova dinâmica estrutural, diz respeito ao trabalho de observação sobre a construção de sentidos a partir de vínculos em contextos de extrema complexidade.

6. Apropriações

Se a perspectiva anteriormente descrita chamava atenção para a importância da necessidade de estudos sobre níveis de articulações de “gramáticas” que se manifestariam segundo operações e no âmbito de estratégias discursivas, apontava também para a singularidade do trabalho enunciativo que os sujeitos em recepção já estariam fazendo às ofertas discursivas. Este aspecto poderia ser examinado na investigação sobre o funcionamento de “contratos de leitura”, cujas pistas se manifestariam no âmbito de uma atividade que contemplaria uma determinada dinâmica interdiscursiva, caracterizada por tensões geradas pelos contatos entre lógicas e gramáticas dos polos em interação. Essa perspectiva se associa à problemática da apropriação de ofertas de sentidos e que propõe que “o verdadeiro objeto [a ser examinado] não é a mensagem em si (...), mas a produção/reconhecimento, sentido este cuja mensagem não é senão o ponto de passagem” (VERÓN, 2004, p. 237). A noção de apropriação implicaria, de um lado, na existência da mensagem neste contexto acima apontado, mas também em “relações sistemáticas entre dois conjuntos [discursos em oferta e os dos receptores segundo trabalho] e sobre suas relações discursivas”. Argumentando em favor desta afirmação, Verón (2004, p. 237) lembra: “vejo mal, efetivamente, o que poderia ser o ‘efeito de sentido’ de um discurso, do ponto de vista semiótico, se não é um outro discurso no qual se manifesta, reflete-se, inscreve-se o efeito do primeiro”. Porém, não se trata de ver de modo causalista a questão dos efeitos, pois como se sabe “um dado dispositivo de enunciação jamais produz um único efeito, mas sempre vários, conforme os receptores” (VERÓN, 2004, p. 238). Significa valorizar como são trabalhados os discursos no âmbito destas “articulações” (ver item 2), levando-se em conta, principalmente, as marcas das operações das gramáticas de reconhecimento apontando a apropriação do discurso em oferta. Desta maneira, estas ponderações ratificam a necessidade de se explicitar o que se entenderia pela noção de apropriações de discursos que se manifestariam no ambiente da circulação. Estamos diante de um cenário no qual o que estaria em análise seria a interdiscursividade que se processaria nas situações que envolveriam, portanto, as operações propriamente ditas de oferta/apropriação de sentidos.

Este processo observacional coloca a necessidade de um *corpus* de materialidades discursivas (VERÓN, LEVASSEUR; 1989), que parece ser uma referência central para se entender as operações de apropriações que se manifestam no ambiente da circulação. A partir de uma pesquisa desenvolvida sobre a relação de visitantes com produtos de uma mostra turística, buscou-se descrever o percurso que as pessoas faziam, a partir de duas interrogações: de um lado, “qual

é a natureza do ato de expor e como este ato afeta o sentido daquilo que é exposto? (...) Não se trata simplesmente de se dar acesso a um sentido que seria próprio; expor é sempre e inevitavelmente, propor daquilo sobre o que se mostra, um sentido particular” (VERÓN, LEVASSEUR, 1989, p. 21). Por outro lado, a segunda interrogação concerne ao peso relativo da motivação da visita, e mais geralmente, à importância de uma intencionalidade que antecederia à sua realização no local propriamente dito. Ao lado do ato da exposição configurada em lógicas definidas pelo seu promotor, se ‘desenha’, de uma forma aberta, o aspecto que se torna, possivelmente, o mais importante para pesquisa. Este diz respeito sobre os comportamentos dos próprios visitantes, como modalidades de apropriação:

Pois se expor é sempre propor (...) visitar uma exposição é compor, em dois sentidos: o que visa a produzir uma acomodação e aquele que visa a (...) pactuar, negociar (...). Ou seja, sua relação com aquilo que é exposto, e com aquele que se encarrega do que é exposto. No caso, uma espécie de enunciador institucional da cultura, através de cujo conhecimento, a exposição se interpõe. (VERÓN, LEVASSEUR, 1989, p. 21).

A pesquisa chama atenção para o aspecto conceitual por ela desenvolvido, ao postular que

O comportamento da visita exprime o intervalo [conforme item 1] entre a produção e reconhecimento, que deve ser considerado como a resultante de uma negociação que somente pode ser compreendida como uma noção (complexa) entre as propriedades do discurso proposto e as estratégias de apropriação por parte do sujeito [visitante]. (Verón, Levasseur, 1989, p. 32).

A dimensão circulatória se colocaria em dois níveis: o intervalo entre produção e reconhecimento, intervalo este que “nós podemos considerá-lo como da ordem da circulação dos discursos sociais” (VERÓN, LEVASSEUR, 1989, p. 30). Mas também a partir da hipótese segundo a qual tanto em produção como em reconhecimento, as gramáticas se constituem a partir da interpenetração de outros discursos, enquanto condições de sua produção, gerando uma complexa articulação de interdiscursividades. Por outras palavras, de manifestações que se originam na dinâmica da circulação.

Da análise semiológica que proporcionou a observação dos comportamentos dos visitantes em relação à mostra, foram identificadas quatro espécies de visitantes, metaforizadas pela associação com o comportamento de distintas espécies: as formigas, e sua visão aproximativa; as borboletas e a visita pendular; os peixes e a visita deslizante; e os gafanhotos, a visita pontual. Essas construções buscam descrever as formas de relações que os visitantes

estabeleceram com a oferta, ao longo do percurso, além de suas diferentes estratégias de apropriação. Chama-se, assim, atenção para o funcionamento de quatro tipos de performances do “corpo-visitante”: a formiga enquanto o “corpo espectador”; a borboleta enquanto o “corpo livre”; o peixe, o “corpo que passa”; e o gafanhoto, [enquanto um pseudópode], o “corpo que se projeta”, se “alimenta” e sai. A construção desta tipologia de apropriação mostra que o reconhecimento não é jamais “deduzível” de uma descrição da “estrutura” do discurso em oferta. Mas o resultado complexo de um encontro entre propriedades significantes (gramática singular) do discurso em oferta e as estratégias de apropriação (gramáticas diversas) dos discursos dos sujeitos na condição de visitantes. A observação da pesquisa, voltada para os trabalhos de descrição dos processos de apropriação, leva em conta a inseparabilidade dos dois níveis produção e recepção, e esclarece que seu objetivo não foi o de criar uma tipologia dos atores sociais (visitantes), tampouco de suas personalidades, mas o de fazer a descrição das estratégias de visitas. O olhar do investigador ainda está situado, de certa forma, à uma problemática da recepção. Mas dados aí recolhidos descrevem elementos da articulação e de modo seminal algumas pistas sobre o funcionamento de lógicas e de gramáticas em contato. Isso serve como hipótese para que, em um momento posterior, fosse desenvolvida a investigação que proporcionasse uma descrição mais refinada sobre dinâmicas de funcionamento de lógicas e gramáticas no âmbito das interfaces da circulação. Desta feita, em estudo sobre a recepção das informações científicas feitas pela televisão onde são aprofundadas essas apropriações. Especialmente, as lógicas sobre as quais se fundam tais processos, a partir da noção de vínculos de complementaridade - ou seja, segundo dinâmicas tecidas a partir de diferença (VERÓN, 1985; 2013).

7. Interfaces/acoplamentos

Entender a perspectiva deste novo cenário em que a circulação exerce um trabalho de acoplamento de sentidos nas interfaces que se passam no contexto dos polos produção/reconhecimento implica que se leve em conta a existência de uma nova ambiência que não se estrutura mais em torno de uma topografia midiática, no sentido “mass mediática”, mas cuja existência se formaliza na midiatização em curso, segundo três características: 1) “O crescimento de meios operando através de um novo dispositivo técnico-comunicacional, [que] tipicamente produz efeitos radiais, em todas as direções, afetando de diferentes formas e com diferentes intensidades todo os níveis da sociedade” (...). 2) O caráter radial e transversal dos efeitos

produzidos é resultado de sua natureza sistêmica, implicando em uma enorme rede de relações de retroalimentação (...). 3) Da aceleração do tempo histórico [causada pelas duas questões anteriores], resulta que nos (...) últimos dez anos a internet alterou a condição de acesso ao conhecimento científico, dado, instituições e pessoas (...)” (VERÓN, 2014, p. 16-17). Estes acessos, e seus circuitos, apontam para existência de uma teia de interações que, praticamente, tiram de cena dispositivos de controle e de outras formas de regulações sobre o trabalho de produção de sentidos, uma vez que este se organiza em torno de múltiplos *feedbacks* afastados de noções do equilíbrio. Partimos da hipótese segundo a qual os efeitos de tecnologias transformadas em meios e afetando as práticas sociais geram novas possibilidades interacionais que se constroem para além das ações, lógicas e gramáticas dos polos constituintes da circulação do contexto dos mass media, fazendo emergir não só uma ambiência, mas outras formas de circuitos nos quais se estruturam novas condições de produção de sentidos.

Os efeitos radiais dos fenômenos midiáticos chamam atenção para a qualidade dos *feedbacks* que se espalham para além de aspectos lineares, afetando, como efeito de fluxos e de circuitos, a própria organização social. Tais efeitos se manifestam sistemicamente, interpenetrando-se de modo complexo nas práticas sociais, segundo contatos de gramáticas e lógicas diversas cujas características e suas dinâmicas se fazem em meio a descontinuidades, tratando de complexificar a problemática da divergência de sentidos. Tais articulações se manifestam segundo dinâmicas da circulação que se fazem, em meio a indeterminações e que afetam reciprocamente os sistemas e seus entornos. Não se pode também dissociar as condições de circulação de sentidos da internet pois esta, além de provocar a revolução do acesso, faz com que a circulação imponha à organização social um novo desenho de interação, fundado na exasperação de “contatos entre muitos”, segundo temporalidades diversas. Se os processos observacionais afirmavam, há bem pouco tempo, que a circulação não deixaria traços visíveis do seu funcionamento, contudo, é possível afirmar que, a despeito de suas ‘lógicas imateriais’, a internet ganha uma determinada corporeidade na medida em que já se transforma, segundo prognósticos, em um novo grande campo de batalha” (VERÓN, 2014) instituído por práticas discursivas que para ela se deslocam.

Transferem-se lógicas e ações dos mais diversos campos que desta feita atuam não mais em fronteiras materiais de suas estruturas, para uma outra passarela cuja dinâmica própria é tensionada por aqueças provenientes de diferentes práticas sociais. Não é que hajam sobreposições de umas por parte de outras. Mas se trata de

interpenetrações cujos processos de reciprocização contínua e intensa, 'apaga' ou dilui marcas identitárias destas práticas, fazendo emergir outras referências cujo principal ator engendrante se constitui a circulação. Se estamos de acordo com a hipótese de que a internet não seria uma rede, no sentido de que ela condensa muitas outras redes, especialmente outros investimentos de natureza midiática (áudio, gráfica, estética, som, design, outras visualidades) - poder-se-ia admitir que ela não deixa de ser uma fonte geradora de sentidos produzidos construídos segundo outras dinâmicas de complexidades. Ou seja, a internet seria, quando ativada pelas práticas sociais diversas, "receptora" de suas lógicas e de suas gramáticas, que nela se instalam discursivamente, para produzir e fazer circular sentidos. Mas também enquanto fonte geradora de outra complexidade, na medida em que dinamiza, segundo caracterizações do seu 'modo de ser' de um objeto técnico (SIMONDON, 1969), discursos que nela ingressam, gerando sentidos que trazem marcas destas interpenetrações.

Não se trata de uma rede que levaria adiante de modo inercial o que nela ingressa. Mas um dispositivo de construção que toma outras discursividades nela ingressantes, como condição de produção de uma complexa atividade simbólica, que somente pode ser enunciada se levadas também em conta algumas "leis" deste complexo 'meio'. A internet realiza, concomitantemente, uma atividade de acoplagens e de desencadeamentos de discursos, e é nesta dinâmica que se configura também a natureza da atividade interpenetrante de várias discursividades, sejam aquelas enunciadas por operações de práticas sociais diversas e aquelas especificamente relacionadas com lógicas da internet, como objeto técnico situado. Se suas configurações incentivam o funcionamento de uma tensão caracterizada por acoplagem/interpenetração, por outro lado, algo escapa ao seu protocolo, ensejando incompletudes favorecidas por cenários de bifurcações nos quais discursos ganham seus destinos sem que, tanto as lógicas de práticas sociais que ingressam na internet como as lógicas da própria internet, possam regular, predizer, em suma, controlar o efeito do que se engendra nestes circuitos.

Se, de um lado, a internet se impõe a partir de uma dinâmica que a constitui como uma "ambiência", por outro, guarda com a organização social mais ampla níveis de interações que resultariam em uma espécie de atividade intersistêmica complexificada; seja pela especificidade de cada uma delas, seja por suas relações, e ainda pelos efeitos gerados pelo ingresso, nela, de uma diversidade de práticas sociais, cujos efeitos são, por natureza, não previstos. Este cenário estaria apontando para a ocorrência de uma complexa atividade interpenetrante entre a internet e a organização social, cujas interfaces constituídas por uma diversidade de gramáticas e de lógicas se fariam segundo dinâmicas de processos

circulatórios. No contexto desta nova “arquitetura comunicacional”, a investigação latino-americana sobre a circulação destaca várias questões como as metamorfoses da circulação (FERREIRA, 2018); as relações entre circulação e a cultura midiática contemporânea (CARLÓN, 2018), o estado da arte da pesquisa empírica sobre a circulação (CHEVEIGNÉ, 2018); a circulação e suas relações com circuitos (MENON; RODRIGUES; BRAGA, 2018); o exame de novas ambiências que nela se instituem: “Topografias - circular e o morar” (SODRÉ, 2018); aproximações da noção de circulação discursiva da obra de Eliseo Verón (2018); a circulação de sentidos no âmbito de práticas sociais, como a disseminação de vírus (ARAÚJO; AGUIAR, 2018); a circulação de sentidos sobre o *impeachment* em práticas midiáticas (FAUSTO NETO; HEBERLÊ CORRÊA, 2018) estudo sobre as estratégias de acesso a sites que mostram que superfície possibilita e restringe o acesso à *semiosis* (CINGOLANI, 2018). São referências que apontam para um dos estágios da investigação na América Latina e publicadas pelo CISECO (CASTRO, 2018).

Outras questões apontam para o desaparecimento de instâncias de mediação; a ascensão dos “amadores” nos processos de produção midiática; a emergência de novos formatos de “líderes de opinião”; complexificação da produção de acontecimento pela atividade interpenetrante de sistemas sociais diversos; a emergência de uma “atividade autopoietica” cada vez mais afastada de sistemas narrativos (clássicos), como a que caracteriza as *fake news*. Novas formas de interação entre nichos institucionais e consultores através de “zonas de contatos” (SGORLA; FAUSTO NETO, 2013) - tratam não apenas de assegurar o acesso dos indivíduos às formas de conhecimento engendradas no cenário midiático, mas também de oferecê-los às possibilidades de se constituir em coletivos que vão enunciar novas formas de conversação pública.

Como vimos, a hipótese mais antiga fala da impossibilidade de se identificar os traços da circulação, algo que tinha muito a ver com a natureza do desenho socio-técnico sobre o qual se construíam interações permeadas pela lógica de transferência de uma mensagem de “um para muitos”, no contexto “mass mediático”. Mas, na atualidade da ambiência da midiática, pistas apontam que a circulação ganha uma determinada ‘corporeidade’, na medida em que certos “contornos” de sua existência são nomeados e descritos, em suma, deixam-se ver pela captura dos processos observacionais. Entrelaçamentos entre discursos são descritos enquanto atividade que cada vez mais se faz no plano inter-sistêmico, mapeando e descrevendo operações relativas às lógicas e gramáticas, algo que para nós é uma nova empiria, uma vez que busca descrever e categorizar novas formas de atividade circulatória, no plano da discursividade social.

8. Nota em conclusão

Dentre as consequências dos complexos *feedbacks* produzidos pela mediação crescente, aponta-se a transformação da estrutura (tecnodiscursiva) da circulação complexificando as condições de produção (e da própria circulação), dos discursos e dos sentidos. Da perspectiva desta proposta, a circulação é concebida como “região” na qual os sentidos não apenas transitam, mas também são tecidos. Os efeitos da mediação permitem que o modo de observá-la passam a reconhecê-la e a conceituá-la como um fenômeno complexo. Entendido como uma região que não é passiva, mas dotada de um status engendrante, pelo menos, por duas razões. A primeira, porque sentidos produzidos em produção e recepção sofrem também as injunções da circulação, na medida em que ela se constitui em “zona” que os prepara, uma vez situada na articulação das instâncias de produção e de recepção. E, em segundo lugar, porque sentidos não podem ali trafegar sem interferências ou imunes às diferenças e lógicas dos seus nichos produtivos, bem como da sua dinâmica da circulação. A circulação não é uma zona de recepção e de trânsito dos sentidos, mas *locus* de engendramentos de macro e microprocessos comunicacionais, na medida em que tem também, como referência, as transformações dos fenômenos sociotécnicos – como a internet - como o principal marco do funcionamento transversal do atual estágio da mediação, em processo. Pesquisas descrevem estratégias e lógicas através das quais os sistemas (sociais e individuais) se interpenetram e se afetam, reciprocamente no âmbito da circulação, efetuando, em meio a complexidades e descontinuidades, processos de acoplamentos sobre os quais repousariam novas ‘zonas de contato’ produtoras de discursividades sociais.

Pode-se afirmar que do protagonismo da circulação enquanto organizadora de novos processos interacionais, contatos serão complexificados segundo outras dinâmicas, ainda não sabidas, de “feixes de relações”. A então “zona de passagem” dá lugar a um outro tipo de articulação, de natureza assimétrica, produzindo interações entre produtores e receptores sempre caracterizada por descontinuidades. Destacamos que, nestas circunstâncias, aponta-se pistas e questões através das quais a problemática da circulação, enquanto “zona de contato” se explicita. Despontando como uma nova “plataforma” onde se desenvolvem relações de caráter sócio-técnico-discursivo e regimes de complexos *feedbacks*, a circulação retira a produção/recepção de uma atividade polar segundo acoplamentos que os modifica, transformando as condições do seu trabalho de produção de sentidos.

De acordo com tal perspectiva, a circulação vai além de uma “zona de passagem”, sendo o lugar de acoplamentos de dois conjuntos

de relações – produção/reconhecimento – que são colocados em contato segundo manifestações de *feedbacks* complexos, como possibilidade de acesso às regras de materialização dos sentidos. Lugar de produção e de trânsito de discursos, onde sentidos são ao mesmo tempo engendrados e disputados, ele é fonte de complexidade ao explicitar atravessamentos de lógicas diversas, sejam aquelas que apontam para regulações, mas também de potencialização de sentidos. As observações apresentadas de modo resumido neste último item (interfaces e acoplamentos) apontam que a circulação apresenta faces de outras dinâmicas de funcionamento. Talvez, não precisemos esperar tão longo tempo para descrever e melhor desvendar as “leis” do seu funcionamento, como ocorreu com estudos que nos precederam. A mediatização é uma fonte de complexidade, mas também deixa expostas pistas de sua processualidade. E, certamente, sendo a circulação uma das operações deste trajeto, já desponta como o objeto central dos estudos da comunicação.

Referências:

AMAR, G. **Homo mobilis**: La nueva era de la movilidad. Buenos Aires: La Crujía, 2013.

ARAÚJO, I. S.; AGUIAR, R. O vírus Zika e a circulação dos sentidos: entre limites e ressonâncias, apontamentos para uma pauta de pesquisa. In: CASTRO, Paulo César (Org.). **A circulação discursiva**: entre produção e reconhecimento. Maceió: Edufal, 2017.

BAL, M. Bolle De. **Reliance, déliance, liance**: émergence de trois notions sociologiques. Sociétés, n° 80, p. 99-131, 2003.

BATESON, Gregory. **Mente e natureza**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1986.

BIRMAN, J. **O sujeito da diferença e a multidão**. (São Paulo, Ide). Versão impressa, vol.36 n. 57. São Paulo, jun. 2014.

BOUTAUD, J.J; VERON, E. **Sémiotique ouverte, itinéraires sémiotiques en communication**. Paris: Hermès Science, 2007.

BRAGA, J. L. **Mediatização como processo interacional de referência**. GT Comunicação e Sociabilidade, 15º Encontro Anual da Compós, Bauru: junho de 2006.

BRAGA, José Luiz. **Roda viva**: uma encenação da esfera pública. In: Comunicação Audiovisual: gêneros e formatos. Porto Alegre: Sulina, 2007.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, São Paulo, ano 1, n. 2, 2008.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: JANOTTI JUNIOR, J.; MATTOS, M. A., JACKS, N. (Orgs.) **Mediação & Mdiatização**. Salvador: EDUFBA: Brasília: Compós, 2012.

BUSSO, M. P. **La semiótica del camuflaje. Entrevista a Paolo Fabbri**. In: Letra. Imagen. Sonido. Ciudad mediatizada, ano 13. Buenos Aires: UBACyT, 2015.

CÁDIMA, F. R. **Sobre o digital: convergência, divergência, fractura**. In: SÁGUA, J.; CÁDIMA, F.R (orgs). Comunicação e linguagem: novas convergências. Lisboa: FCSH Universidade Nova de Lisboa, 2015.

CARLÓN, Mario. Contrato de fundação, poder e midiatização: notícias do front sobre a invasão do Youtube, ocupação dos bárbaros. **Matrizes**, São Paulo, ano 7, n. 1, 2013.

CASTRO, Paulo César (Org.). **A circulação discursiva**: entre produção e reconhecimento. Maceió: Edufal, 2017.

CINGOLANI, Gastón. Estrategias para el acceso: los sitios de recomendación como espacios de tensiones em la circulación y mediatización del reconocimiento. In: CASTRO, Paulo César (Org.). **A circulação discursiva**: entre produção e reconhecimento. Maceió: Edufal, 2017.

CISECO. **La circulación discursiva entre producción y reconocimiento**: Seminario Interno. Japaratinga, 2016.

CULIOLI, Antoine. **Escritos**: compilado por Sophie Fischer e Eliseo Verón. Buenos Aires: Santiago Arcos, 2010.

DA SILVA, F. F. **Jornalismo móvel**. Bahia: EDUFBA, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18003>. Acesso em: 10 ago. 2014.

DE KERCKHOVE, D. **Inteligencias em conexão**: hacia una sociedade de la web. Barcelona: Gedisa, 1999.

ECO, Umberto. A conspiração dos imbecis. Entrevistador: Eduardo Wolf Milão. **Revista VEJA**, São Paulo, 1 jul. 2015, p. 15-19.

FANTONI, F. G. **Tensões e encontros**: a circulação dos discursos produzidos por Edir Macedo e Valdemiro Santiago e seus fiéis nas redes sociais Twitter e Facebook. Projeto de Qualificação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

FAUSTO NETO, Antônio. **Será que ele é? Onde estamos? A midiatização de um “discurso proibido”**. In: Ícone, ano 7, n. 9, dez. 2006.

FAUSTO NETO, A. et al. (orgs.). **Mediatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008.

FAUSTO NETO, Antônio. **A circulação além das bordas** In: Mediatización, sociedad y sentido. 1 ed. Rosário: Departamento de Ciencias de la Comunicación - UNR, v.1, 2010a.

FAUSTO NETO, A. et al. **Mediatização e processos sociais**: aspectos metodológicos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

FAUSTO NETO, Antônio. **Enunciação midiática**: das gramáticas às zonas de pregnâncias. In: Mediatização e processos sociais: aspectos metodológicos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, v.1, 2010b.

FAUSTO NETO, Antônio. **Enfermidade em circulação**: Sou eu mesmo que notícia o meu tratamento. Galáxia, São Paulo, v. 11, 2011.

FAUSTO NETO, Antônio. **Transformações do Jornalismo na Sociedade em Vias de Mediatização** In: Interfaces Jornalísticas: ambientes, tecnologias e linguagens. 1 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, v.1, 2011.

FAUSTO NETO, A.; WESCHENFELDER, A. **A enfermidade de Lula**: enunciando a corporeidade do acontecimento. RECIIS. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, Cidade, v. 6, 2012.

FAUSTO NETO, Antônio. **Discursos Periodísticos en el diván de los internautas** In: CARLÓN, M.; FAUSTO NETO, A. Las políticas de los internautas. Buenos Aires: LA Crujía, 2012.

FAUSTO NETO, A., SGORLA, F. **A travessia de Fátima Bernardes**:

“estamos órfãos: o JN não tem mais sentido». In: Comunicação, discurso, organizações. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2013a.

FAUSTO NETO, A.; SGORLA, F. **Zona em Construção:** acesso e mobilidade da recepção na ambiência jornalística. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 22., 2013, Salvador. Anais... Salvador: Editora da Compós, 2013b.

FAUSTO NETO, Antônio. **Chávez, morte e “desamparo informativo” na cena da circulação midiaticizada.** Rizoma, Santa Cruz do Sul, v.1, 2013.

FAUSTO NETO, Antônio. **Círio de Nazaré:** celebrações, divergências e rupturas. In: Comunicação: visualidades e diversidades na Amazônia. 1 ed. Belém: FADESP, 2013.

FAUSTO NETO, A., BRAGA, J. L., FERREIRA, J., GOMES, P. G. (Orgs.). **10 Perguntas para a produção de conhecimento em comunicação.** São Leopoldo: Unisinos, 2013.

FAUSTO NETO, A., VERÓN, E., HEBERLE, A. **Pentálogo III: Internet:** viagens no espaço e no tempo. Pelotas: Editora Cópias Santa Cruz, 2013.

FAUSTO NETO, A.; FABRICIO, L.; WESCHENFELDER, A. **Da boate ao ‘memorial-tapume’:** quando a recepção enuncia suas formas de ‘trabalho de luto’ In: XXIII Compós, 2014, Belém. 23^a Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2014.

FAUSTO NETO, A., CASTRO, P. C., CORREA, L. G., VERÓN, E., HEBERLE, A., RUSSI, P. **A Rua no Século XXI:** materialidade urbana e virtualidade cibernética. Maceió: Edufal, 2014.

FAUSTO NETO, Antônio. **O fotógrafo-guia.** In: Narrativas comunicacionais complexificadas 2: a forma. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2014.

FAUSTO NETO, Antônio. Pisando no solo da mediatização. In: J. Sáágua, F. R. Cádima, (orgs). **Comunicação e linguagem:** novas convergências. Lisboa: FCSH Universidade Nova de Lisboa, 2015.

FAUSTO NETO, Antônio. **Coletivos como atores de acontecimentos.** Boate Kiss: a conversão dos tapumes em mural de comunicação In:

Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones. Rosário: UNR, v.1, 2015.

FAUSTO NETO, Antônio. **Do Painelão ao iPainelão:** Midiatização das manifestações públicas. Trabalho apresentado no Colóquio Internacional do CIM – Centro de Investigaciones en mediatizaciones. Buenos Aires, 6 e 7 de agosto de 2015.

FAUSTO NETO, Antônio. Da convergência/divergência à interpenetração. In: B. MIÈGE (et al.) (orgs.). **Operações de midiatização das máscaras da convergência às críticas ao tecnodeterminismo.** Santa Maria: FACOS-UFSM, 2016.

FAUSTO NETO, Antônio. A circulação do impeachment: do artigo de fundo à página virada. In: P. C. Castro (org.), **A circulação discursiva:** entre produção e reconhecimento. Maceió: Edufal, 2017.

FERNÁNDEZ, Mariano. Sobre la mediatización: revisión conceptual y propuesta analítica. **La Trama de la Comunicación**, Cidade, v. 16, 2012.

FERREIRA, J. Notícias sobre as ONGs: uma conjuntura aberta pelos dispositivos midiáticos na web. In: J. Ferreira, E. Vizer (Orgs.). **Mídia e movimentos sociais: linguagens e coletivos em ação.** São Paulo: Paulus, 2007.

FERREIRA, J. Dos objetos separados à circulação midiática como questão comunicacional. In: A. Fausto Neto, J. Ferreira, J. L., Braga, P. G. Gomes (Org.). **Midiatização e processos sociais:** aspectos metodológicos. 1ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

FERREIRA, J. **ANALOGIAS:** operações para construção de casos sobre a midiatização e circulação como objetos de pesquisa. In: XXIV COMPÓS, 2015, Brasília. 2015 - XXIV COMPOS: BRASÍLIA/DF. BRASÍLIA: COMPÓS.

FERREIRA, J. (et al.) (orgs.). II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPG-Unisinos, abril 2017, São Leopoldo.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GOMES, Pedro Gomes. A metodologia nos processos midiáticos.

Signo y Pensamiento, Cidade, v. 31, 2011.

GOMES, Pedro Gomes. **Midiatização da Sociedade: uma primeira opinião**. **Verbo**, Cidade, v. 11, 2015.

GOMES, Pedro Gomes. **Dos Meios à Midiatização: Um conceito em evolução**. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

GONÇALVES, D. C. **Midiatização e contexto rural: análise dos usos e apropriações de dispositivos midiáticos em comunidades da Reserva Extrativista Chico Mendes, Acre**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos, RS), São Leopoldo, 2014.

HEBERLÊ, A. L. Uma versão semiótica para o impeachment de Dilma Rousseff. In: P. C. Castro (org.), **A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento**. Maceió: Edufal, 2017.

HEPP, A. As configurações comunicativas de mundos midiaticizados: pesquisa da midiaticização na era da “mediação de tudo”. In: **MATRIZES.**, vol.8, n.1, São Paulo: ECA/USP, 2014.

HJARVARD, S. **Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural**. **MATRIZES**. Ano 5. n. 2. São Paulo: jan./jun., 2012.

HJARVARD, S. **A midiaticização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2014.

HJARVARD, S. **Midiaticização: conceituando a mudança social e cultural**. In: **Matrizes**, vol.8, n.1, São Paulo: ECA/USP, 2014.

KEEN, A. **Vertigem digital**. Por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando. Trad. Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LUHMANN, N. **Introdução à Teoria dos Sistemas**. 2. ed. Traduzido por A. C. A. Nasser. Petrópolis: Vozes, 2010.

LUHMANN, N. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Razón Técnica y Razón Política:**

Espacios/Tiempos no Pensados. Ciencias de la Comunicación, São Paulo, año 1, n. 1, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. 30 anos de De los Medios a las Mediaciones. In: Matrizes, v. 12, n. 1, jan-abr 2018.

MOUCHON, J.; VERÓN, E.; FAUSTO NETO, A. **Transformações da midiatização presidencial**: corpos, relatos, negociações, resistências. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2012.

MOUILLAUD, M. **Le discours et ses doublés**: sémiotique et politique. Éd. par Geneviève Mouillaud-Fraisie et Jean-François Tétu, Lyon: Presses universitaires de Lyon, 2014.

PARISER, E. **O filtro invisível**: O que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PASQUALI, A. **La Comunicación Mundo**: Releer un mundo transfigurado por las comunicaciones. España: Comunicación Social, 2011.

PEDROSO, D. 2015. **Interações entre a televisão e o telespectador na sociedade em vias de midiatização**: um estudo de caso do quadro a empregada mais cheia de charme do Brasil do programa Fantástico. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. (Unisinos, RS), São Leopoldo, 2015.

PRIGOGINE, I. **Ciência, Razão e Paixão**. São Paulo: Livraria da Física, 2009.

PRIGOGINE, I. **O Fim das Certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: UNESP, 1996.

PROULX, S. La puissance d'agr des citoyens dans um monde fortment conecte. In: **Conférence d'ouverture**, Colloque d'Agadir, 4-6 avril 2012.

RAIMONDO ANSELMINO, N. La prensa online y su público: un estudio de los espacios de intervención y participación del lector en Clarín y La Nación. Buenos Aires: Teseo, 2014.

RODRIGUES, A.; MENON, W. O devir nómada da escrita e da modernidade. In: P. C. Castro (org.), **A circulação discursiva**: entre

produção e reconhecimento. Maceió: Edufal, 2017.

ROGERS, Everett M. **Diffusion of Innovations** (3ª ed). Nova York: The Free Press, 1971.

SANCHOTENE, C. **Estratégias de contato na construção do leitor coprodutor nas Fanpages de Folha de S.Paulo e Estadão no Facebook**. 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia. (UFBA, BA), Bahia, 2015.

SERRES, M. **Polegarzinha**: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SIMONDON, Gilbert. **Du mode d’existence des objets techniques**. Paris: Aubier-Montaigne, 1969.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. 1ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Circular e morar**. In: P. C. Castro (org.), A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento. Maceió: Edufal, 2017.

SOSTER, D., PICCININ, F. (Orgs). **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012.

TRAVERSA, O. **Inflexiones del discurso**. Cambios y rupturas em las trayectorias del sentido. 1 ed. Buenos Aires: Santiago, Arcos editor, 2014.

VALDETTARO, S. **Epistemología de la comunicación**: uma introducción crítica. – 1ª ed. Rosario: UNR Editora. Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, 2015.

VERÓN, Eliseo. *Sémiosis de l’idéologie et du pouvoir*. **Communications**, Paris, n. 28, 1978.

VERÓN, E. **A Produção de Sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

VERÓN, E.; LEVASSEUR, M. **Ethnographie de l’exposition**: l’espace, le corps et le sens. Paris: Bibliothèque publique d’information,

Centre Georges Pompidou, 1983.

VERÓN, E.; FOUQUIER, E. **Les spectacles scientifiques télévisés: figure de la production e de la réception.** Paris: La documentation française, 1985.

VERÓN, Eliseo. L'analyse du 'contrat de lecture' : une nouvelle méthode pour les étude de positionnement des supports presse. **Les Media: Experiences, recherches actuelles, applications,** Paris, 1985.

VERÓN, Eliseo. **Semiosis de lo ideológico y del Poder: La mediatización.** Buenos Aires: UBA, 1986.

VERÓN, Eliseo. **El discurso político linguajes y acontecimientos.** Hachette: Buenos Aires, 1987.

VERÓN, E. **Entre Peirce e Bateson: certa idea del sentido.** In: Y. Winkin (comp.). Coloquio Bateson, Madrid: Herder, 1991.

VERÓN, E. La **Semiosis Social: fragmentos de una teoría de la discursividade.** Barcelona: Gedisa Editorial, 1996.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. **Revista Diálogos de la Comunicación,** Lima, n. 48, 1997.

VERÓN, Eliseo. Semioses de la mediatizacion. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL: MÍDIA E PERCEÇÃO SOCIAL, 1998, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: 1998.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo: Unisinos, 2004.

VERÓN, E. **Espacios Mentales: efectos de agenda 2.** Buenos Aires: Gedisa, 2005.

VERÓN, E. **Os públicos entre produção e recepção: problemas para uma teoria do reconhecimento.** In: ABRANTES, José Carlos; DAYAN, Daniel. **Televisão: das audiências aos públicos.** Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

VERÓN, E. Do contrato de leitura às mutações na comunicação. In: **A diáspora comunicacional que se fez escola latino-americana.** São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO/METODISTA: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

VERÓN, Eliseo. **La Semiosis Social 2 Ideas**. Momentos Interpretantes. Buenos Aires: Paidós, 2013.

VERÓN, E.; FAUSTO NETO, A. **Pentálogo III**: Internet: Viagens no espaço e no tempo. Pelotas: Editora Cópias Santa Cruz, 2013.

VERÓN, E. **Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências**. In: Matrizes, vol.8, n.1, São Paulo: ECA/USP, 2014.

VERÓN, E. **Internet: viagens no espaço e no tempo**. Entrevista concedida ao programa Olhar. TV UFPB, 2012. Disponível em: <<http://www.ciseco.org.br/index.php/noticias/videos/225-veron-fala-sobre-mediatizacao-em-entrevista-para-a-tvufpb>>. Acesso em: 14 jul. 2015.